

NARRATIVAS DAS INFÂNCIAS: OLHARES DA PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS EM CONTEXTO EXTENSIONISTA E INVESTIGATIVO

NARRATIVES CHILDHOOD: GLANCES OF THE PARTICIPATION OF CHILDREN IN EXTENSIONIST AND INVESTIGATIVE CONTEXT

Jeruza da Rosa da Rocha - Doutora Em Educação. Professora Formadora da UAB/Pedagogia. Universidade Federal do Pampa – Unipampa/Jaguarão. Membro do grupo de Pesquisa Educamemória: educação e memória – CNPQ. (53) 984235499. E-mail:luaia.je@gmail.com

Carmo Thum - Pós-Doutor em Educação.

RESUMO

Esse artigo aborda narrativas de crianças camponesas. O contexto extensionista e investigativo se deu no entorno de uma escola da rede pública no interior da região sul do Rio Grande do Sul. Os colaboradores são quatorze crianças na faixa etária de 09 a 11 anos de idade os quais produziram narrativas de suas experiências da vida e de seus vínculos com a agricultura familiar característica do local. Os Estudos da Criança (SARMENTO, 2004; 2005; 2007) e da Sociologia da Infância (CORSARO, 2011), são campos teóricos eleitos para problematizar as crianças do presente e suas potencialidades como atores sociais,(re)produtores de cultura que interpretam de forma criativa e inventiva a realidade constitutiva de seus cotidianos. As narrativas das crianças revelam potentes pistas para pensarmos na visibilidade de suas experiências camponesas. Reforçam e instigam pesquisadores e educadores a atentarem em seus processos investigativos e educativos aos significados que constroem às suas realidades das infâncias desses espaços. Conclui-se que a infância ganha voz e visibilidade quando são ofertados espaços de escuta ao que dizem e pensam sobre suas culturas e saberes locais.

Palavras-chaves: Infância. Inclusão. Agricultura familiar.

ABSTRACT

This article approaches narratives of peasant children. The extensionist and investigative context occurred in the surrounding of a public school in the countryside of southern Rio Grande do Sul. The participants are fourteen children aged 09 to 11 who produced narratives their life experiences and their ties to family farming, which a characteristic of the place. The Children's Studies (SARMENTO, 2004; 2005; 2007), Sociology of Childhood (CORSARO, 2011), are fields of knowledge chosen to problematize the children of today and their potentials as social actors, (re)producers of culture who creatively and inventively interpret the constructive reality of their daily lives. The children's narratives reveal potent clues to make us think about the visibility of their peasant experiences. It reinforces and instigate researchers and educators to observe in their investigative and educational processes to the meanings they build connected to the reality of the childhood of such places. It can be concluded that earns voice and visibility when spaces of listening are offered to what they say and think about their local cultures and knowledge.

Keywords: Childhood. Inclusion. Family farming.

INTRODUÇÃO

Esse artigo aborda narrativas de experiências de vida e da agricultura familiar de quatorze crianças camponesas, na faixa etária de 09 a 11 anos de idade, sete meninos e cinco meninas realizadas entre os meses de março e novembro de 2014 no entorno de uma escola da rede pública de Canguçu/RS. As ações extensionistas, as quais originaram as narrativas das crianças, é fruto das caminhadas realizadas na localidade de Nova Gonçalves/Canguçu, e da realização de fotografias pelas crianças sobre os espaços de sociabilidade da localidade. Logo após as imagens foram apresentadas (projetadas na escola) às crianças, no intento de que dialogassem sobre as interações nesses espaços, as festividades da localidade, as rotinas culturais e sociais e o cotidiano campesino. As narrativas foram gravadas e registradas em diário de campo, no objetivo de potencializar os dados gerados. A partir desse conjunto de narrativas e de imagens organizaram-se temáticas ressaltadas pelas crianças: lida do campo, agricultura, espaços de lazer e memórias, sendo as narrativas, da primeira temática, apresentadas e analisadas neste artigo.

Os Estudos da Criança (SARMENTO, 2004; 2005; 2007) e da Sociologia da Infância (CORSARO, 2011), são campos teóricos eleitos para problematizar as crianças do presente e suas potencialidades como atores sociais, (re)produtores de cultura que interpretam de forma criativa e inventiva a realidade constitutiva de seus cotidianos. Os esforços deste estudo são atentos também aos anúncios de Santos (2010), para pensarmos na “ecologia dos saberes” como proposta epistemológica acolhedora da multiplicidade de culturas e de relações interculturais (SANTOS, 2010, p. 15). Essa postura teórico-metodológica em ações extensionistas e de pesquisa com a participação das crianças garante anúncios distantes de diagnósticos sociais e culturais, mas de aproximação aos significados e interpretações que elas tecem com seus pares sobre vivências e experiências da vida campesina. Para tanto o olhar ao outro, aos seus conhecimentos como legítimos da cultura a qual pertencem, é oportuno em estudos e investigações que atendam perspectivas interculturais acolhedoras das diferenças culturais, como propulsoras ao diálogo, interação e ao saber local.

O amparo metodológico inspira-se na etnografia com crianças referenciada na obra de (GRAUE; WALSH, 2003) e da investigação participativa (FERNANDES, 2009), pois potencializa a interação do pesquisador com seus colaboradores em campo na organização e no desenvolvimento de

ações de extensão e da investigação. Estar aberto ao diálogo, ser flexível na construção de ferramentas metodológicas com a participação das crianças, incorporando outras formas de observar e ouvi-las, tornam-se fundamentais na geração dos dados. Nessa direção realizou-se com as crianças um roteiro para revisitar a comunidade local, tomando o diário de bordo como elemento de registro de suas narrativas.

As narrativas das crianças revelam potentes pistas para pensarmos na visibilidade de suas experiências campesinas. Reforçam e instigam pesquisadores e educadores a atentarem em seus processos investigativos e educativos aos significados que constroem às suas realidades das infâncias desses espaços. Conclui-se que a infância ganha voz e visibilidade quando são ofertados espaços de escuta ao que dizem e pensam sobre suas culturas e saberes locais.

Na sequência, discorreu-se sobre os interlocutores teóricos, os quais embasam argumentos e potencializam reflexões teóricas oportunas ao campo de estudo das infâncias, com base na acolhida das narrativas como potência cultural. A seguir, apresentamos os caminhos metodológicos traçados com a participação das crianças. Na penúltima sessão foram sistematizadas algumas análises, as quais encaminham perspectivas possíveis a estudos que acolham as metodologias participativas com crianças e suas narrativas como elementos propositivos ao reconhecimento dos saberes e das experiências dos povos e comunidades tradicionais. Por fim, foram elencadas considerações propositivas ao campo dos estudos das infâncias no que diz respeito às metodologias participativas e as perspectivas interculturais.

INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS IMPLICADAS AO TEMA E AOS CONTEXTOS

A Sociologia da Infância indica que é preciso atentar para a produção de significados construídos pelas crianças a partir da cultura que as rodeia. Este campo de estudos prevê os processos conjuntos e coletivos que exercem entre seus pares como pistas relevantes no reconhecimento dos seus mundos culturais e sociais. Avançando no termo de socialização como propositivo na construção do conhecimento e na reprodução das culturas, distanciando-se de uma perspectiva individualista em que as crianças necessitam ser preparadas e formadas para, posteriormente, inserir-se ao mundo adulto. O termo “reprodução interpretativa” (CORSARO, 2011) abrange perspectivas inovadoras em relação ao processo socializador. Incorpora a participação ativa das crianças na sociedade, sustentando que elas não internalizam passivamente informações e conhecimentos da contemporaneidade. As crianças resignificam, selecionam e incorporam esses saberes, produzindo suas próprias culturas de forma inventiva e criativa (CORSARO, 2011, p. 31). É possível compreendê-las como atores sociais produtores de culturas, as quais são reinventadas a partir de suas necessidades e participações nos grupos de adultos, de outras crianças e de sua família. Nessa perspectiva, a “reprodução interpretativa” é configurada pela ideia de “teia global”, a qual ilustra suas “características produtivas e reprodutivas” (CORSARO, 2011, p. 37).

O termo “teia global” representa “um modelo que inclui a reprodução interpretativa como uma espiral em que as crianças produzem e participam de uma série de culturas de pares incorporadas” (CORSARO, 2011, p. 37). Na condição de atores sociais, incidem ativamente na sociedade, transcendendo uma ideia de infância romântica, homogênea e frágil, o que permite vislumbrar e compreender a heterogeneidade das suas infâncias e de suas produções culturais. Nesse sentido, a “teia global” demonstra o conjunto de culturas nas quais as crianças participam, reinterpretando informações e conhecimentos. Assim, chega-se à discussão sobre a “cultura de pares” como conceito central no processo investigativo com as crianças. A “cultura de pares” diz respeito à apropriação criativa que as crianças fazem “de informações de suas realidades para produzir suas próprias culturas” (CORSARO, 2011, p. 53).

Tratar e se aproximar das produções culturais das crianças repercute fortemente quando se assume suas participações como elemento fecundo em processos extensionistas e investigativos, pois, ao assim agir, estamos nos aproximando da cultura de uma comunidade à luz da compreensão e da reinterpretação das próprias crianças. Por isso, é oportuno compreender a heterogeneidade que compõe as culturas infantis, as quais “constituem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância” (SARMENTO, 2007, p. 36).

A produção de culturas pelas crianças exprime a cultura societal em que elas se inserem de forma distinta das culturas adultas. São culturas que reagem e atualizam, com sua forma de simbolizar e significar o mundo, “as posições sociais, de gênero, de etnia e de cultura que cada criança integra” (SARMENTO, 2004, p. 12). A inteligibilidade infantil na produção cultural, em um tempo e espaço contemporâneo, sinaliza a discussão do conceito de “entre-lugar” (BHABHA, 1998, p. 182). Este lugar é o intervalo de tempo entre o que é socialmente pensado e construído pelos adultos para as crianças e a ressignificação instituída pelas crianças a esse lugar através de suas ações coletivas. As culturas infantis não são puras e genuínas, são permeadas por instâncias culturais, estão imersas “de uma entre-cultura que se fala, quando se fala de culturas infantis (SARMENTO, 2007, p. 37).

As crianças são sujeitos. Não são vazios existenciais; elas trazem consigo diversas vivências e saberes de seus contextos e experiências locais. Crianças também são interdependentes das culturas dos adultos. De fato, as crianças por viverem uma condição de infância, são produtos de uma relação sócio-cultural. Na atualidade, um dos processos de impacto na vida, inclusive da infância, são as relações com os meios de comunicação de massa e toda a orquestração midiática posta na cultura contemporânea. Para, além disso, os artefatos culturais e tecnológicos também implicam na construção da cultura da infância, como afirma Barbosa (2007, p. 1067), envolvidas pelos meios de comunicação e pelos artefatos da vida cotidiana, a cultura da infância estrutura sua forma de ser nos diferentes tempos históricos. É na busca de compreender a própria lógica de interpretação da infância que interessa a aproximação conceitual e metodológica, pois, as crianças possuem e apresentam modos de conhecer, compreender e construir conhecimento, muitas vezes invisíveis à sociedade adulta. Essa invisibilidade interfere na condição da construção de espaços sociais, desde a não valorização da experiência infantil à negação de suas vozes.

O reconhecimento das crianças como atores sociais distancia-se da visão homogênea, que as vê como seres incapazes e imaturos, dependentes dos adultos. As crianças, “em variados tempos e espaços, viveram a sua experiência de infância de modos muito diferenciados, portanto a infância é uma experiência heterogênea” (BARBOSA, 2007, p. 1065). A heterogeneidade das infâncias é atravessada pela diversidade social e cultural – pertença étnica, gênero, classe social –, elementos estes que oportunizam condições para que produzam suas vivências em situações plurais e organizem suas narrativas e significados sobre sua cultura. Trazer as crianças para esse lugar de atores sociais pertencentes à sociedade garante a visibilidade sobre o que pensam, agem e comunicam com seus pares e com os adultos, ressaltando, por exemplo, os modos próprios de vivenciar e participar das práticas de conhecimento do mundo do trabalho e da vida seja dos/nos territórios de povos e comunidades tradicionais, seja em contextos diversos.

Cabe salientar a urgência de espaços de escuta às crianças; o entendimento de que a participação é um direito e, por isso, uma ação democrática. A participação em ações de extensão torna-se fecunda ao protagonismo das crianças na sociedade. As culturas infantis constituem-se nas relações “intergeracionais” – crianças-crianças – e “intrageneracionais” – crianças-adultos, crianças-idosos. Esse processo interativo é tanto produtivo quanto criativo, pois viabiliza a competência e a capacidade que possuem na formulação de suas interpretações, da sociedade, de si próprias, dos outros, da escola e do mundo (SARMENTO, 2005).

As crianças são atores sociais e a sua ação precisa ser valorizada, assim como a sua voz, explica Tomás, ao defender que a “indispensabilidade de considerar as crianças como actores sociais competentes, obviamente com competências diferentes dos adultos” (2007, p. 55). Nesse sentido, realizar ações extensionistas com crianças torna-se muitas vezes um desafio, pois se faz necessário colocá-las como protagonistas de suas narrativas, atuando epistemologicamente no sentido de “resgatá-las do silêncio e da exclusão, e do fato de serem representadas, implicitamente, como objetos passivos” (ALDERSON, 2005, p. 423). Com isso pensar no termo participação como elemento fundamental na inserção das crianças nos processos metodológicos torna-se oportuno ao estudo realizado. Além das metodologias participativas com crianças, é interessante conceber essa participação como processo de negociação, permeada por relações de poder e de resistência, em espaços sociais e culturais ao qual pertencem aqui neste estudo o espaço do mundo do trabalho.

As pesquisas conduzidas por Fernandes também evidenciam a potência das estratégias de participação das crianças e sinalizam a íntima relação que possuem com as condições de existência “que cada criança experimenta no seu cotidiano, mas também com as práticas culturais, as interações e as representações das crianças e dos adultos envolvidos” (FERNANDES, 2009, p. 338), bem como contribuem para o estabelecimento de espaços de cidadania infantil, assim pode-se anunciar a participação e o envolvimento ao mundo do trabalho, como práticas de conhecimento oportunas a cidadania infantil dos povos e comunidades tradicionais. Para isso, sustenta-se a inserção das narrativas das crianças com base na perspectiva interpretativa e interdisciplinar, que “não é sinônimo de desordem ou caos metodológico, nem tão pouco de ecletismo acrítico”, e sim, “a expressão genuína da própria complexidade e multidimensionalidade do fenômeno a estudar” (SARMENTO, 2007, p. 22). Entende-se que o campo da sociologia da infância, aliado aos outros campos científicos, permitirá processos ativos e criativos, com base no reconhecimento do outro e do mundo, para uma perspectiva intercultural. Esta base interdisciplinar, que convoca várias áreas do conhecimento para o diálogo com a sociologia da infância, é propulsora para a construção de elementos conceituais capazes de traduzir, a partir de seus diferentes discursos, a complexidade que caracteriza os mundos culturais e sociais das crianças na contemporaneidade (FERNANDES, 2009).

CAMINHOS METODOLÓGICOS E DA EXTENSÃO COM A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS: REDESCOBRINDO LUGARES E NARRATIVAS DA INFÂNCIA CAMPESINA

Neste tópico é apresentado o embasamento metodológico eleito no presente estudo onde discute-se como inspirações etnográficas e das investigações participativas com crianças constituem-se como novos prismas para pensarmos o processo de interpretação e de (re) produção cultural se fazem presentes pelo olhar das infâncias dos povos e comunidades tradicionais. Por fim são elencadas as narrativas das crianças problematizando os significados e as interpretações que atribuem as suas culturas e aos saberes locais.

A pesquisa etnográfica com crianças ancora o processo de organização e desenvolvimento deste estudo, lançando mão de alguns preceitos metodológicos e da postura do pesquisador em campo (GRAUE; WALSH, 2003). É relevante pensarmos na imersão do pesquisador e a atenção ao contexto observado como potente elemento de problematização da cultura infantil. A flexibilidade teórica e metodológica necessária para empreender uma investigação desse tipo necessita ser presente. Permitir-se a um trabalho que discorra por processos espirais, investindo em emergentes campos teóricos e metodológicos, nos distancia de concepções ingênuas e superficiais presentes em algumas produções. Portanto, como pesquisadores, produzimos um

esforço teórico para compreender a partir do contextual e pela vigilância epistemológica anunciada, buscamos exercitar formas de observar e dialogar em campo e com seus colaboradores capazes de aportarem os modos de relação da infância local.

Os dados gerados “não andam por aí a espera de serem recolhidos”; eles surgem da interação do pesquisador com o contexto e “das relações com os participantes” (GRAUE; WALSH, 2003, p. 94). O processo interativo constitui-se além de uma visão apenas colaborativa; trata-se de um envolvimento coletivo e ético. Por isso estar aberto a outros olhares e aos pormenores no processo investigativo, torna-se potente quando assumimos posturas descentralizadoras da extensão e da pesquisa com a participação das crianças.

Neste processo interativo, dialógico e metodológico é oportuno atentar as necessidades e anseios do processo investigativo, ou melhor, o papel do pesquisador é aproximar-se “teia de significados” construídos pelos colaboradores, é essencial considerar o que atribuem como significativo e fundamental a vida e ao trabalho campesino (GEERTZ, 2008). De tal modo, a perspectiva metodológica deste estudo está direcionado para “aprender a retratar toda a riqueza das vidas das crianças nos inúmeros contextos em que elas se movem” (GRAUE; WALSH, 2003, p. 22). Seguir os princípios etnográficos, de forma cuidadosa e com apropriação, gera a potência de dar “voz às preocupações infantis fornecendo descrições detalhadas e interpretações de como as crianças vivem sua infância” (CORSARO, 2011, p. 61-62). É com este olhar sensível que traduz-se nossa inspiração etnográfica com as crianças, as quais revelam na interação com o pesquisador olhares e apontamentos compreensivos das experiências e das vivências no contexto camponês.

Os estudos da Sociologia da Infância sinalizam a construção de ferramentas metodológicas próximas as realidades das crianças e ausentes de concepções romantizadas, as quais as consideram incapazes de interpretar e elucidar contextos e práticas do conhecimento. O potencial interpretativo das crianças também se estende para inserção de suas vozes, em outras palavras, na organização e definição de ferramentas lúcidas aos seus contextos. Para isso o trabalho com estratégias de participação ativa das crianças na extensão e na pesquisa é fruto de um olhar atento dos pesquisadores e do redimensionamento da investigação que as assuma como atores sociais ativos também do processo investigativo.

As metodologias participativas cercam-se de inúmeros desafios, entre elas destacamos a “presença da criança-parceira no trabalho interpretativo, mobilizando para tal um discurso polifônico e cromático, que resulta da voz e ação da criança em todo o processo” (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005, p. 55). Nessa direção, há um duplo desafio a ser aceito e enfrentado: a imaginação e a criação de ferramentas metodológicas. Outra provocação lançada é o redimensionamento do papel dos pesquisadores, descentralizando suas funções de gestores centrais de todo o processo investigativo para sinalizar as crianças a condição de serem atores ativos no desenvolvimento das ações de extensão e da pesquisa. Por isso, defende-se a compreensão da investigação participativa “como um espaço intersubjetivo, para onde confluem múltiplas formas práticas, conceptuais, imaginárias e empáticas de conhecimento” (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005, p. 57). Esta postura teórico-metodológica prima pela inserção das vozes, olhares, silêncios, gestos e o potencial interpretativo das crianças. E a partir dessas novas formas de observar o contexto e suas relações sociais e culturais, anuncia-se as interpretações compartilhadas a partir da experiência do diálogo profundo e não hierarquizado na relação de pesquisa.

A inspiração participativa transcende a ausência do pesquisador no seu papel interpretativo e responsivo na pesquisa, distancia-se também de concepções românticas ao que dizem e pensam as crianças. As crianças e suas infâncias são construções sociais, permeadas de rotinas culturais e de situações de seus cotidianos, o que interessa neste estudo é anunciar olhares e narrativas infantis sobre realidades sociais, culturais, em especial do universo da vida e do trabalho dos

povos e comunidades tradicionais. As ações de extensão e de investigação conduzida com a participação das crianças na construção de ferramentas metodológicas delinea-se como um processo inventivo, imprevisível e, principalmente, flexível, o qual, à medida que avança em seu desenvolvimento, configura possibilidades metodológicas que dialogam com novas discussões teóricas e empíricas da sociedade contemporânea.

Nesta perspectiva, as narrativas apresentadas a seguir, são fruto de um trabalho extensionista e investigativo com as crianças da região sul do Rio Grande do Sul, em um território que envolve segmentos de povos e comunidades tradicionais. Primeiramente foi lançada a proposição de como interessaria conhecer determinado lugar e suas rotinas culturais e sociais em contexto camponês, culminando em um roteiro a ser percorrido na comunidade local e posteriormente na organização de narrativas. As narrativas elucidadas traduzem significados às experiências vividas, as rotinas da vida e do trabalho campesino. Em situação de reconhecimento narrativo do território e do trabalho que as famílias desenvolvem com o manuseio com a terra foi narrado por uma das crianças que “eu gosto de ver meu pai trabalhar, mas é perigoso. Eu queria que ele trabalhasse só na agricultura. O fumo judia muito. Tem que apanhar, depois separar, atar e depois vender. A roupa fica suja, a pele fica vermelha, e é no sol forte, dói as costas. O fumo dá muito dinheiro. O melhor tipo é o BO” Nesta direção percebemos o trabalho como um dos grandes eixos de socialização entre as crianças e os adultos, estar em contato com a terra, desde a preparação até o plantio, bem como conceber os desafios que tangenciam a lida do campo. São processos interpretativos realçados pelas crianças, o qual toma por base os movimentos de inserção às “rotinas culturais” presentes na localidade (CORSAO, 2011). Em outras palavras, as crianças do cotidiano da agricultura familiar experienciam o trabalho no campo, dialogam entre si e com os adultos assuntos sobre a produção para o auto-sustento e para a comercialização, ouvem histórias e memórias de seus avós e de outros membros da comunidade pomerana daquele território sobre o manuseio com a terra, brincam nos galpões e entre os canteiros da lavoura de fumo, ou seja, vivenciam o trabalho como prática de conhecimento e de sociabilidade.

O potencial narrativo que exercem sobre suas realidades e rotinas transcende a descrição, anuncia exemplos e situações de desafios aos povos e comunidades tradicionais ao lidar com a terra. Em determinada situação uma das crianças narra sua releitura de mundo e de significado que atribui ao trabalho quando diz que “eu adoro comer morango, nós já colhemos, agora só termina lá pra janeiro. Se vende pra casamento (pra fazer a festa), para os vizinhos. Agora com esse sol tá ruim pra plantar. É assim fica uma flor branca e depois dali nasce a fruta”. O fumo dá dinheiro, mas eu queria que meu pai só plantasse morango. Se nós tiver muito dinheiro nós vamos baixar a quantidade de fumo e plantar só morango”. Produzir ‘só morango’ significa trabalhar com um produto que causa menos intoxicação e que é também alimento.

Nesse movimento do trabalho como ação entre crianças e adultos, reside um conhecimento construído que parte da experiência e de um conjunto de saberes organizados e pensados pelos agricultores familiares, e, reinterpretados pelas crianças. Pensar nessas práticas de conhecimento é avançar em argumentos propositivos ao campo científico, além de um único pensamento como absoluto, verdadeiro e capaz de favorecer respostas possíveis e adequadas as instâncias sociais. Propõem-se aproximação a perspectivas interculturais que reconhecem as diferenças culturais, a pluralidade de conhecimentos produzidos socialmente e o diálogo entre si em proposta a construirmos sociedades democráticas que incorporem outros modos de pensar e conhecer além do conhecimento moderno (CANDAUI, 2016). Com isso essas práticas de conhecimento oriundos do mundo do trabalho, caracterizam não só ação de subsistência das famílias, mas são próprias de conhecimentos heterogêneos, plurais e coletivos.

Outra situação narrada pelas crianças, na qual retrata os tempos, os espaços e os artefatos que constituem vivenciar o contexto de povos e comunidades tradicionais percebe-se a reinterpretação dos fazeres e saberes de seus familiares quando dizem que “dá pra tirar leite de cabra, dizem que é saudável pro colesterol. Eu gosto de tratar os animais, tem colocar pasto e água. Nessa caçamba coloca areia nos buracos da estrada, o trator dá de botar reboque pra plantar, revirar a terra”. As rotinas culturais e a relação com a terra estão intimamente interligadas à identidade dos povos e comunidades tradicionais, traduz seus modos de vida. O ato das crianças reinterpretarem a realidade, atualizando as práticas e compreendendo elas dentro das relações socio-tecnológicas do presente, nos indica que a cultura da infância é dinâmica e é capaz de formular estratégias de compreensão que dialogam com as narrativas dos adultos e com as perspectivas do presente. O processo de reinterpretação da realidade exercitado pelas crianças em suas narrativas é também um ato de expressão de saberes apreendidos na relação com o outro e com o mundo. Nesse sentido, a voz interpretativa da infância é, também um ato de proposição ao campo científico, de que há necessidade de se estabelecer o diálogo e o reconhecimento dos saberes locais, também pelas narrativas e perspectivas das crianças.

As práticas culturais são fruto de experiências radicalizadas nas culturas e nos modos de vida, tem em suas racionalidades potencialidades de produzir entendimento singular. As experiências múltiplas já vivenciadas pelos sujeitos da cultura ao longo das gerações possibilitam uma avaliação criteriosa de formas de entendimento da realidade. A imersão nesses espaços, de longo prazo, nos forneceu categorias e compreensões dos significados das lógicas culturais.

As experiências do registro da vida cotidiana, a partir das narrativas das crianças afloram princípios sobre suas formas de fazer, seus saberes e suas práticas sociobiodiversas. A narrativa traz no seu bojo, referentes dos modos de uso do território, compreensões complexas dos tempos da vida, sem dissociar ambiente de natureza. Nesse sentido, a experiência humana dos grupos singulares é altamente produtora de novas-velhas formas de garantia da vida e da produção do bem viver e está presente na cultura das crianças. Os espaços da vida são espaços de produção do conhecimento.

Não compreender as dimensões da cultura e as formas de interpretação produzidas pelos seus sujeitos é desconsiderar que os modos singulares de vida apresentem possibilidades de reinvenção do mundo. Os saberes e seus sujeitos se constroem por meio de práticas formativas que são próprias da cultura em que estão imersos. Nos territórios de povos e comunidades tradicionais essas lógicas de raciocínio estão muito bem desenvolvidas. As comunidades singulares exercitam uma lógica de compreensão de mundo que envolve complexas relações conceituais e éticas pelas quais avaliam as possibilidades e potencialidades de suas práticas sociais ao longo dos tempos e assim constituem um conjunto de saberes experimentados que conformam o conhecimento da cultura local.

Ao colocar as crianças como narradoras da própria cultura, ativam-se processos de autorreconhecimento, de si e do mundo em que vivem. Nesse sentido a ação educadora da extensão e da pesquisa mobiliza os conhecimentos exercitados nas vivências das territorialidades. A experiência deste estudo nos mostrou a voz, quando ouvida de forma acurada, torna-se potente instrumento de produção do novo olhar aos seus territórios. Dessa forma, podemos “teorizar o social a partir de um ponto de vista das crianças” (KOSMINSKY, 2010, p. 128). Conceber este estudo realçando inclusive os pontos de vista dos meninos e das meninas significa “examinar, analisar e explicar os mundos que as crianças conhecem porque vivem aí dentro; e ligar as vidas das crianças à organização cotidiana habitual das relações sociais” (KOSMINSKY, 2010, p. 128), em especial das interações que realizam no contexto campesino. No cotidiano da vida, se aprende pela experiência e se ensina pela narrativa. O conjunto de conhecimentos que são próprios da

cultura é mediado a partir de práticas educativas que tem na sua base saberes associado ao modo de vida.

Santos (2010), afirma em seus estudos que vivenciamos um processo colonial moderno o qual exclui grupos sociais e suas culturas, subalternizando todo e qualquer diálogo entre o conhecimento científico e não-científico. Para isso lança dois conceitos que se interligam, “pensamento pós-abissal” e a “ecologia de saberes”, os quais embasam inicialmente os dados deste estudo. O primeiro concebe, a partir de uma dimensão epistemológica, o rompimento com as múltiplas formas ocidentais de pensamento e ação, “significa pensar a partir da perspectiva do outro lado da linha”, os quais possuem conhecimentos ilegítimos, marginalizados, subalternos e esquecidos, centrado em opiniões, crenças, intuição, subjetividades e talvez hipóteses (SANTOS, 2010, p. 53). A esta imposição epistemológica que distancia outras formas de pensar e agir, por meio de um monopólio cognitivo, reside “conhecimentos leigos, plebeus, camponeses, indígenas” e acrescentamos junto com os outros, há também os conhecimentos construídos de forma inventiva e interpretativa oriundo das culturas infantis de povos e comunidades tradicionais (SANTOS, 2010, p. 33).

Com isso a aposta cerca-se de um pensamento “pós-abissal” o qual diverge e confronta a homogeneização cultural e cognitiva da ciência moderna, por meio da “ecologia de saberes”, baseada no “reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna)”, através de um movimento interativo, dinâmico e autônomo entre ambos (SANTOS, 2010, p. 53). Para que possamos embasar nossas propostas em pensamentos decoloniais é relevante considerar que esta postura epistemológica constitui-se em proporcionar visões outras do conhecimento e assumir que também desconhecemos ou deixamos de compreender lógicas outras interpretativas. A reinvenção das formas de ser, estar e conhecer o mundo é uma constante. Ao exercitá-las, produzimos possibilidades de colocar em ação um novo pensar. Esse movimento produz brechas para a intercomunicação, vias emergentes de diálogo, para as relações interculturais, geracionais e das experiências do conhecimento. Para isso é substancial a mobilização da “hermenêutica diatópica”, isto é, reconhecer o caráter inacabado, por vezes entendido como absoluto e genuíno que constitui as culturas. Sendo tal característica crucial ao enriquecimento dos saberes quando partilhados pelos diversos grupos sociais, a hermenêutica diatópica não busca atingir a completude; sua função fundamental é a ampliação consciente da sua incompletude mútua, com um pé em uma cultura e, o outro, em outra (SANTOS, 2010, p. 60). Elementos estes que são fecundos quando incorporamos o protagonismo das crianças, em ações extensionistas e investigativas, e reconhecemos as múltiplas formas que possuem em comunicar seus cotidianos, como proposta intercultural.

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

Foram elencadas algumas questões, não com o intento de encerrar o processo reflexivo e argumentativo, mas de sistematizar anúncios às práticas do conhecimento do mundo do trabalho interpretado pelo protagonismo das crianças, que, por meio de narrativas, exprimem memórias coletivas e individuais entre seus pares. Propomos que as metodologias participativas em suas dimensões éticas e responsivas tornem-se espaços de escuta às crianças e aos saberes que constroem na relação com seus pares e com o mundo e a vida nos territórios das infâncias camponesas, de povos e comunidades tradicionais e de contextos diversos. Elucidar os significados ao trabalho na lavoura, seus desafios e nuances na rotina. Problematizar o bem-estar dos agricultores, como uma perspectiva do bem-viver, revela o potencial interpretativo das crianças ao que acontece nos seus mundos culturais, sociais e econômicos. Desvela que não há passividade na cultura das crianças. Supera a concepção de que por serem crianças são imaturas na produção

de sentidos das suas realidades e incapazes de interpretar suas rotinas camponesas. Na verdade, o significado aportado pelo protagonismo narrativo da infância proporcionou a produção de pistas emergentes para pensarmos em novas estratégias de observar e compreender o mundo e de conceber a experiência infantil como um saber que lhe é próprio.

As crianças possuem outras lógicas para compreender suas realidades, interesses e necessidades, as quais são fruto da produção cultural das infâncias. Em outras palavras, enquanto vivenciam, debatem e participam ativamente de seus contextos, produzem culturas fecundas. Observam o mundo com outras lentes e produzem compreensões complexas capazes de colocar em diálogos memórias e fazeres dos adultos e as suas vivências infantis que tem base na experiência do presente. O mundo social e cultural camponês, em territórios de povos e comunidades tradicionais revela-se como campo fértil a produção de conhecimentos. Sim, as crianças produzem culturas e as interpretam de forma criativa e propositiva ao campo científico.

As narrativas das crianças revelam potentes pistas para pensarmos na visibilidade de suas experiências camponesas. Reforçam e instigam pesquisadores e educadores a atentarem em seus processos de cunho extensionista, investigativos e educativos aos significados que constroem às suas realidades das infâncias desses espaços. Por isso a infância ganha voz e visibilidade quando são ofertados espaços de escuta ao que dizem e pensam sobre suas culturas e seus saberes locais. Compreendemos que esse processo interpretativo, não se dá de forma isolada é, sobretudo imbuído de questões de pertença cultural, territorial, étnica e social, as quais as crianças estão imersas.

Por isso atentar a heterogeneidade cultural e social que permeia os contextos camponeses, retrata as múltiplas formas de organização da vida e do trabalho como práticas de conhecimento. Portanto, os saberes da infância são constitutivos da subjetividade dos atores sociais. Com esse entendimento ressaltamos que a proposta aqui anunciada não se dá com interesse em substituir o conhecimento moderno por um conhecimento alternativo, ou até mesmo não-científico, a proposição consiste em incorporar ao diálogo, lógicas de raciocínio infantis também como saberes experimentados em algum grau. Portanto, exercitar a interação e a interdependência entre os saberes e os sujeitos das culturas diversas, amplia a capacidade de compreender a vida a partir dos pressupostos da ciência.

A aposta cerca-se em proporcionar coerência epistemológica ao pensamento plural, heterogêneo e propositivo, por meio de um diálogo horizontal de conhecimentos ancorados em perspectivas interculturais. Ou melhor, inserir como potentes as vozes diversas do conhecimento: dos espaços, das culturas, do potencial interpretativo, dos múltiplos saberes, dos adultos, dos idosos e das crianças. Propor um diálogo intercultural acolhedor dos que estão do outro lado da linha é possível se buscarmos compreender o conhecimento a partir dos sujeitos que o produzem em seus contextos. Os modos de vida singulares que conservam modos únicos e universos simbólicos específicos são potenciais espaços de reinterpretação. Entendemos que uma das possibilidades de compreender a vida e a cultura é também a partir das narrativas infantis.

REFERÊNCIAS

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, maio/ago. 2005.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1059-1083, out. 2007.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CANDAU, Vera Maria “Ideias Força” do pensamento de Boaventura Santos e a educação intercultural. *In*: CANDAU, Vera Maria (org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação ‘outra’?** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

CORSARO, William. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERNANDES, Natália. **Infância, direitos e participação: representações, práticas e poderes**. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação interpretativa com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Guibenkian, 2003.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. Pesquisas com crianças e jovens: algumas reflexões teórico-metodológicas. *In*: MULLER, Fernanda. (org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa.; MENESES, Maria. Paula (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância na encruzilhada da 2ª modernidade. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana. Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas socio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa Editores, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Culturas infantis e interculturalidade. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; DORNELLES, Leni Vieira. **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. **Nuances: Estudos sobre Educação**, ano 11, v. 12, n. 13, p. 49-64 jan./dez. 2005.

TOMÁS, Catarina. “Participação não tem idade”: participação das crianças e cidadania infantil. **Contexto & Educação**, Ijuí. ano 22, n. 78, p. 45-68, jul./dez. 2007.

Data de recebimento: 29/01/2021

Data de aceite para publicação: 22/03/2021